



A CADEIA DE PRODUÇÃO DA INÚSTRIA DA MODA: uma perspectiva social e ambiental

Fernanda de Faria Viana Nogueira

Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPG/Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense - UFF

ff_viana@id.uff.br

Yago de Souza Verling

Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPG/Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense - UFF

yago_verling@id.uff.br

1 – INTRODUÇÃO

A essência do ser humano é a transformação da natureza mediante o trabalho. A relação da espécie humana com o seu entorno, sempre existiu, e continuou a se desenvolver e tornar mais complexa, dando origem a uma apropriação da natureza para o trabalho, e para o seu desenvolvimento. Na idade Moderna, em torno dos séculos XVII E XVIII, e como consequência do avanço nas ciências e sua divulgação, a natureza começa a ser concebida como “uma soma mecânica de partes, possível de ser reordenada e explorada de forma crescente” (FOLADORI, 2001). É nessa mesma época que, a dominação das técnicas para a produção de algodão já começavam a ter seu início no Brasil. Com isso, a produção de tecidos com algodão, também se torna relevante, mesmo com uma predominância agrícola dessa época, o que seria a gênese da indústria têxtil começava, portanto, a ser explorada, e vinha se tornando bastante significativa para a economia desse período. (LIBBY, 1997)

Segundo Souza e Mehler (2008, 2013), com o desenvolvimento dessa indústria da moda ao longo da história a nível global - que ocorreu no Brasil, principalmente nos anos 90 - grande ciclos de consumo começaram a se iniciar, sendo uma tendência ocidental, gerando empresas cada vez mais especializadas no ramo, como mais rapidez e eficácia para atender as novas demandas locais, e até mundiais. Com um importante potencial de expansão, a indústria da moda gerou e ainda gera grandes demandas dos recursos naturais para sua existência, o que deve ser levado em consideração, tendo em



vista que o seu processo de produção, é, portanto, totalmente dependente da natureza, não somente no âmbito de recursos naturais, mas também, do trabalho humano, que muitas das vezes, assim como os recursos, se caracteriza por uma exploração.

Com o crescimento do mercado, que se faz dentro de uma lógica capitalista, a indústria da moda, começou a produzir em maior demanda, ocasionando diversos impactos sociais e ambientais. Esse modelo de crescimento, dominante no ocidente, ao desconsiderar os impactos da atividade econômica sobre o meio ambiente produz não só a escassez desses recursos, mas também, graves consequências sociais. (LIMA, 2011)

Se tornando uma das indústrias que mais produz lixo em todo o mundo, e com grande dependência da exploração dos recursos naturais, essa indústria também começa a produzir vertentes que vão à oposição à forma de produção vigente, e defendem uma produção menos agressiva, e mais equilibrada com a natureza, que se denomina sustentável (REFOSCO; MAZZAROTTI; SOTORIVA; BROEGA, 2011).

É a partir da consideração de cada etapa desse meio de produção que buscamos entender como a indústria da moda se transformou, e segue em contínua transformação e suas consequências no viés não tão somente ambiental, mas também, social, tendo em vista que a partir da constituição dessa cadeia se traduz, segundo Foladori (2001), por uma cultura, por uma construção primordialmente social.

2 – OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho, portanto, consiste em considerar de cada etapa desse meio de produção da indústria da moda, para desta forma, buscar compreender como essa indústria se transformou, e segue em contínua transformação e suas consequências no viés não tão somente ambiental, mas também, social, tendo em vista que a partir da constituição dessa cadeia, as relações de trabalho se remodelam, modificando também por consequência, o mercado mundial como um todo.

3 – METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho acadêmico consiste em levantamento bibliográfico da história dessa indústria da moda, para que melhor se possa compreender os processos inerentes as cadeias de sua cadeia de produção, também irá consistir em pesquisa de



documentários sobre o assunto, desde a gênese de sua formação até como se encontra nos dias atuais.

4 - RESULTADOS PRELIMINARES

4.1 - O HISTÓRICO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL: O ALMEJAR DE UM DESENVOLVIMENTO

De acordo com Mehler (2013), é no início século XVIII, que o Brasil começa a conhecer e a explorar as primeiras técnicas de tecelagem com algodão, tornando o ramo de produção de tecidos, isto é, roupas, se tornando importante desde o princípio para a economia do país. Porém, mesmo com significativa produção, o Brasil ainda era um grande importador de tecidos, e colônia de Portugal, o que desenvolvia uma política que tornava difícil uma maior produção desse setor.

Segundo Stein (1979 *apud* ANDRADE, 2015), no século XIX, as primeiras indústrias fábricas têxteis começam a se estabelecer no Brasil, tendo a sua gênese na região Nordeste do Brasil, devido a uma grande presença de matéria-prima, energia e mercados rurais e urbanos.

Entre 1914 e 1918, no século XX, quando ocorreu a Primeira Guerra Mundial, houve a interrupção do fluxo de importações têxteis, o que ocasionou em uma boa oportunidade para que a indústria têxtil se desenvolvesse, criando um maior mercado interno no Brasil. Porém, com o fim da guerra, os fornecedores internacionais voltam a comandar o mercado, prejudicando a indústria têxtil nacional. (MEHLER, 2013)

Conforme afirma Keller (2010), outro período a ser considerado de suma relevância, é em 1929, quando a grande depressão na economia mundial, sucedida pelo início da Segunda Guerra Mundial que faz com que as importações sejam novamente reduzidas drasticamente, fazendo com que um novo estímulo ao desenvolvimento da indústria têxtil comece a surgir. Entretanto, como afirma Lima (2011), esse crescimento da indústria, e desenvolvimento parece sempre estar condicionado aos países mais desenvolvidos, aos “colonizadores” do mercado internacional, dando uma sucessão de ciclos econômicos baseados na exploração dos nossos recursos naturais.



Ainda segundo Scotto, Carvalho e Guimarães (2007), é nesse período de pós-guerra, em meados dos anos 40, em que os principais países envolvidos visavam a sua reconstrução e estabelecer uma ordem nacional hegemônica, que era entendida pela ideia de desenvolvimento que começa a se estabelecer, e a ser “disseminado” como possibilidade de um progresso, o que era um dos principais pilares da sociedade industrial ocidental

Em 1960, os países mais industrializados como Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, começam a gerar novos produtos e processos no segmento de fiação. É nesse período também, em que dá-se o início das fibras químicas, e dos teares eletrônicos. Em meados da década de 70 e 80, a indústria têxtil brasileira se encontra em desenvolvimento e crescimento econômico, devido à política alfandegária protecionista às empresas brasileiras. Entretanto, devido à falta de modernização de equipamentos, acabou perdendo seu “lugar” no cenário econômico mundial (MEHLER, FUJITA, JORENE, 2011, 2015).

Na década de 1990, iniciava-se o período de abertura geral da economia do Brasil, o que veio a gerar efeitos positivos para o setor têxtil, assim como novos desafios para toda a indústria do país. A partir desse primeiro momento de abertura do mercado, o setor têxtil sofre um choque em sua estrutura, pois, ainda era tecnologicamente atrasado, por consequência protecionismo vivenciado nos últimos anos (FUJITA, JORENE, 2015).

É importante ainda salientar que, no século XX, “o Brasil viveu, a partir de meados da década de 1950, um ciclo acelerado de expansão urbano-industrial, baseado em um modelo tecnológico predatório, que produziu formas diversas e acumulativas de degradação ambiental e social.” (LIMA, 2011). Este ciclo, isto é, esse desenvolvimento tecnológico/industrial tão almejado pelas indústrias para o aumento de seus lucros, dá início a uma cadeia de impactos sociais e ambientais causados pela exploração exacerbada dos recursos naturais, para alcançar as demandas do mercado consumista.

O desenvolvimento foi então identificado com o crescimento econômico, tecnológico, urbano e internalização da lógica da acumulação e da produção capitalista em todas as esferas da vida social. Um modo de vida desenvolvido ou “moderno” foi estabelecido como



caminho evolutivo linear e inevitável a ser trilhado pelas sociedades subdesenvolvidas para superação da pobreza e do atraso. O paradigma de desenvolvimento a ser alcançado era a sociedade de consumo norte-americana. (SCOTTO, CARVALHO, GUIMARÃES, 2007, p.16)

Para os países ditos “subsenvolvidos”, portanto, possuem um padrão de crescimento econômico e desenvolvimento da indústria têxtil, e da indústria como um todo, era instituído que deviam industrializar-se cada vez mais, urbanizar-se, ainda que isso gerasse um endividamento externo, uma superexploração dos recursos naturais e da força de trabalho, privatização e incentivo as empresas internacionais e marginalização das práticas culturais e saberes populares. Segundo a lógica capitalista em que a indústria se inseria e se insere tudo valia a pena para alcançar esse “desenvolvimento”. (SCOTTO, CARVALHO, GUIMARÃES, 2007)

4.2 - O INÍCIO DA CADEIA PRODUTIVA: O ALGODÃO

O algodão é uma planta originária do continente americano, inclusive do território brasileiro, utilizada desde muito tempo pelos indígenas em cultivos regulares. Um dos principais produtos de exportação desde o final do século XVIII, seu consumo cresceu significativamente após a introdução do tear mecânico (URBAN, BESEN, GONÇALVES, SOUZA, 1995).

A força do setor têxtil e de confecção brasileiro tem sua origem consideravelmente vinda da terra, no plantio e no cultivo do algodão, em cadeia, pelos campos do interior do país. Até meados da década de 80, o Brasil, além de auto-suficiente na produção de algodão, se consagra nessa época como um relevante exportador, comercializando o “algodão Seridó”, um produto de alta qualidade e única variedade arbórea ainda existente no mundo. Entretanto, a partir de meados da década de 80, a cotonicultura brasileira mudou seu perfil completamente, passando a produzir quase que exclusivamente o algodão de fibras curtas derivado da cultura herbácea, pois o “algodão Seridó” foi praticamente extinto, devido à praga do bicudo que devastou a cultura do algodão. Nos anos 90, a situação agravou-se ainda mais, passando praticamente a apresentar um decréscimo na colheita do algodão. (URBAN, BESEN, GONÇALVES, SOUZA, 1995)



É importante salientar que, no âmbito do plantio de algodão, muita coisa foi modificada a partir do momento em que as sementes para plantio foram patenteadas por empresas internacionais como a norte-americana “Monsanto”, por exemplo, que modificaram totalmente as estruturas da agricultura no Brasil e no mundo. (WIKINSON, PESSANHA, CASTRO, MORENO, 2005)

A partir do patenteamento das sementes, houve uma modificação na estrutura genética dessas, o que afetou não tão somente a quantidade de colheita dessas sementes, mas também atingiu de maneira negativa o solo dos agricultores, fazendo com que se tornassem inférteis a um prazo bem mais curto. Ao contrário das promessas de benefícios econômicos e melhoramento na vida dos agricultores feitos pelas indústrias de OGMs (Organismos Geneticamente Modificados) e transgênicos, os agricultores sofrem com a grave dependência, e mesmo empobrecimento do solo, devido a grande quantidade de agrotóxicos que o solo recebe, e que são desenvolvidos pela mesma empresa. (WIKINSON, PESSANHA, CASTRO, MORENO, 2005)

Além disso, torna-os dependentes à tecnologia exclusiva de manejo das sementes transgênicas patenteadas, que exigem formas fechadas de manejo das sementes e da plantação, dentro de um ciclo sem fim. Diante essa realidade, ressalta-se que, além do prejuízo para os solos dos agricultores, os efeitos negativos e secundários dos pesticidas e fertilizantes usados nas fazendas de algodão geneticamente modificados causam nos trabalhadores e a população local doenças como, câncer, e doenças mentais e degenerativas nas crianças. (WIKINSON, PESSANHA, CASTRO, MORENO, 2005)

É necessário lembrar que, por trás de tantas agressões ao meio ambiental e a integridade física da sociedade, se encontra um governo permissivo, flexível e ausente em fiscalização. Assim como em diversos outros casos, visando o beneficiamento de grandes empresas e indústrias, Kato e Quintela (2012) afirmam que, para uma maior produção de capital para o país, prioriza-se um modelo, calcado em poucos grandes grupos e empresariais e em grandes empreendimentos, que concentra os lucros nas mãos de poucos empresários, colocando em risco patrimônio ambiental, social, e cultural brasileiro.

4.3 - O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA NA INDÚSTRIA DA MODA E SEUS IMPACTOS SOCIAIS

Conforme afirma Dove (1946 *apud* MACHADO & LEONEL, 2013) a manufatura dos tecidos é uma das mais antigas atividades do homem. Depois da produção de gêneros alimentícios, a primeira indústria que provavelmente atraiu a atenção dos homens suficientemente civilizados foi a de preparação de materiais com o propósito de vestir. A indústria têxtil e de confecção é composta por várias etapas produtivas que se inter-relacionam. Na etapa final, os produtos podem tomar a forma de vestuário, de artigos para cama, mesa, banho, decoração, limpeza, assim como artigos para a indústria, como filtros de algodão, dentre outros.

De acordo com Souza (2008) com o avanço da tecnologia, da globalização, e do modo de produção capitalista, surge um novo modelo de produção na indústria têxtil, isto é, na indústria da moda, que é denominado “*fast fashion*”, ou seja, a “moda rápida”. A “moda rápida” nasce, portanto, no modo de produção capitalista avançado, em que as relações comerciais entre os países acontecem de uma maneira bem mais fácil do que anteriormente. As novas demandas desse mundo globalizado exigem que a produção em alta escala seja rápida e com baixo custo para vender mais e conseqüentemente aumentar o consumo da sociedade, sem na maioria das vezes sem considerar os limites dos recursos naturais, e sociais, apenas visando o lucro.

Lima (2011), afirma que ao instituir um modo de produção guiado apenas pelo lucro, os resultados dessa equação predatória que se faz no modo capitalista avançado – em que se insere a indústria da moda, não tardaram a se revelar na forma de degradação social e ecológica crescentes.

Atualmente as empresas que praticam um modelo de negócios caracterizado por uma rapidez na produção e por uma disponibilidade imediata dos produtos nas lojas, tem sua mão-de-obra terceirizada por países onde o governo se mostra ausente na fiscalização dos direitos trabalhistas e humanitários, permitindo uma exploração da mão-de-obra por parte dessas empresas –principalmente americanas- para com os trabalhadores. São chamadas “Fábricas de Suor” – com péssimas condições de trabalho, utilizam mão de obra infantil e feminina (SOUZA, 2008).



Destaca Souza (2008) ainda que, os pagamentos na maioria das indústrias, estão definidos pelos valores mínimos impostos de quase todos os países, mas este valor mínimo ainda está abaixo da necessidade real de sobrevivência. Os trabalhadores são submetidos a condições precárias de trabalho, e muitas vezes chegam a óbito por acidentes causados por isso. Mesmo com reivindicações dessa classe, os empresários não são punidos, por interesses governamentais em manter essa classe de empresários nos mais diversos países.

É justamente a partir da instituição de uma sociedade de classes, como argumenta Foladori (2001), que se desencadeia o processo de dominação e exploração da natureza, que também se traduz como uma dominação de uma classe pela outra, como o caso apresentado expõe. Foladori (2001) ainda salienta que, não é o conteúdo material e técnico que determina a relação com a natureza, mas, a forma social de produção. A partir desse argumento, podemos construir a ideia de que, a exploração da natureza, é uma exploração socialmente construída. É uma exploração que vem desde os primeiros séculos em que essa indústria começa a se constituir a partir dos primeiros produtores que defendem um desenvolvimento em busca de um progresso para o nosso país “subdesenvolvido”.

4.4 - O LIXO TÊXTIL E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Segundo Lee (2011), a indústria da moda é uma das maiores poluentes da terra, desde sua produção até o descarte. Conforme Mazzotti (2011), a moda com o seu caráter sazonal garante um elevado ritmo da produção da indústria têxtil, movimentando uma complexa estrutura industrial e comercial que lhe serve de base de apoio. A cada estação, se propõe novos produtos, com modelagens, cores e tecidos diferentes, há um grande apelo para que o consumidor substitua suas roupas por novos modelos desenvolvidos de acordo com as novas tendências apresentadas. A roupa, enquanto vestuário de moda, não passa de mera mercadoria rapidamente descartável.

De acordo com Lee (2011) 1,1 milhão de toneladas de roupas são jogadas no lixo todos os anos na Inglaterra, enquanto o relatório do Institute for Manufacturing da Cambridge University (Instituto de Manufatura da Universidade de Cambridge) apresenta número muito mais alto: 1,8 milhão de toneladas. Colocando em perspectiva,



uma tonelada de produtos têxteis enche aproximadamente 200 sacos de lixo, totalizando uma quantidade de 220 milhões de sacos durante o ano.

Conforme afirma Silva (2005), a decomposição das roupas é muito lenta e produz líquidos tóxicos que contaminam a superfície e as fontes de água. No caso das roupas sintéticas, a decomposição pode levar centenas de anos a mais. Entre os produtos que conferem elevada carga poluente, podemos destacar: amido, proteínas, e outras substâncias.

Uma das alternativas encontradas no mundo de hoje, - porém ainda pouco desenvolvida no Brasil- em contradição a esse atual modo de produção da indústria da moda, é “slow fashion”, ou seja, “moda lenta”, que é conhecida como a produção com um ciclo, que prioriza a qualidade e durabilidade do produto, e a valorização de mão-de-obra sendo produzida, segundo seus idealizadores, de uma maneira mais sustentável (FLETCHER, 2010).

De acordo com Foladori (2001), a ideia de um desenvolvimento sustentável, no âmbito das indústrias como um todo, deveria colocar um freio na exportação maciça desses recursos naturais, porém, não podemos ignorar o fato de que a indústria da moda –assim como todas as outras – se insere em uma dinâmica capitalista global, o que torna ainda mais difícil esse pensar nas dinâmicas que seriam capazes de trazer um equilíbrio entre natureza e sociedade. Não deve-se desconsiderar também que o desenvolvimento sustentável é um conceito elaborado dentro da esfera de um pensamento orientado pela lógica econômica e com esta referência pensa a sociedade (SCOTTO, CARVALHO, GUIMARÃES, 2007).

Ainda sobre o assunto, de uma produção mais “sustentável”, surge o termo do “ecodesenvolvimento”, que seria, portanto, uma vertente do desenvolvimento sustentável. Segundo Scotto, Carvalho e Guimarães (2007), o ecodesenvolvimento buscava uma via intermediária entre o “ecologismo absoluto” e o “economicismo arrogante”, que pudesse conduzir a um desenvolvimento orientado pelo princípio de justiça social em harmonia com a natureza.



Mas o questionamento que permanece em aberto diante a essas propostas de um desenvolvimento “sustentável”, que leva em consideração natureza em aspectos sociais e de recursos é se estes mecanismos serão capazes de reorientar a lógica mercantil da sociedade ocidental de consumo, sendo efetivamente um freio à degradação social e ambiental, ou se esse termo seria mais um que cairia na lógica capitalista, produzindo um outro tipo de mercado, que levantaria uma bandeira de “mercado verde”, mas ainda sim, se constituiria mercado, isto é, ainda não conseguiria sair dos parâmetros de uma produção capitalista que visa o lucro acima de qualquer coisa. Além disso, resta a questão das consequências sociais da internalização destes custos de uma indústria com um ciclo de “baixa produção”, ou seja, quem vai pagá-los dentro de uma lógica onde a regra é a “otimização” da produção com a maximização do lucro e minimização dos custos de produção. O repasse destes custos a sociedade aumentaria os níveis de exclusão e desigualdade no acesso de bens produzidos e/ou comercializados por esse “desenvolvimento sustentável”, gerando outros problemas sociais e ambientais (SCOTTO, CARVALHO, GUIMARÃES, 2007).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir, portanto, que desde o princípio do século XVIII, a indústria da moda, com o setor têxtil, vem se destacando economicamente no Brasil. Mas para quem seriam os benefícios desse crescimento da indústria? Quem pagaria o preço do progresso de uma industrialização?

A cadeia de produção na indústria da moda se forma através de diferentes etapas que se inter-relacionam a todo o momento. As dinâmicas que ocorrem desde o plantio de algodão até a distribuição do produto final para os mais diversos lugares, é o que caracteriza de forma única essa indústria que cresce de forma contínua de forma global.

Em resposta ao crescimento que proporciona aos grandes empresários, e aos profissionais que estão à frente dos negócios nesse ramo, tem-se a exploração dos recursos naturais, e de pessoas que trabalham em condições subumanas para suprir as demandas dessa cadeia. É a partir dessa exploração de mão-de-obra – que nada mais é do que uma escravização de pessoas-, que muitas pessoas morrem, contraem doenças, e



tem uma vida prejudicada para que essa indústria inserida em um modo de produção capitalista seja mantida.

Como última etapa desse processo da indústria da moda, tem-se, portanto, todo o lixo têxtil que por ela é gerado de maneira exorbitante, que polui intensamente o meio ambiente. Em resposta a todo esse processo de produção da indústria da moda e levando em consideração os seus impactos sociais e ambientais, surge uma proposta de um desenvolvimento sustentável. O que se questiona desse quadro é que, como ser capaz de desenvolver um modo de produção em equilíbrio com a natureza, se esse mesmo conceito é pensado dentro de uma sociedade socialmente instruída pelo capitalismo. Dessa forma, torna-se quase utópico, e no mínimo bem distante, uma produção que realmente busca uma produção harmônica com o meio ambiente, que não seja só mais uma tentativa de instituir um intitulado “mercado verde”, que ainda possui as dinâmicas agressivas de um modo de produção hegemônico capitalista.

6 - REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mayana Caisa Vieira. **Análise do perfil do empreendedor para a economia na percepção de gestores: estudo de caso realizado em duas empresas têxteis na cidade de pombal – PB, 2015;**

FLETCHER, Kate. **Slow Fashion: An Invitation for Systems Change, Fashion Practice.** The Journal of Design, Creative Process & the Fashion Industry, Vol. 2, 2010;

FOLADORI, Guillermo. **O desenvolvimento sustentável e a questão dos limites físicos** (cap.5). In _____, **Limites do desenvolvimento sustentável.** São Paulo: Ed. da UNICAMP / Imprensa Oficial, 2001, p.101-119;

FUJITA, Renata Mayumi Lopes; JORENE, Maria José. **A Indústria Têxtil no Brasil: uma perspectiva histórica e cultural,** 2015;

KATO, K.; QUINTELA, S. **TKCSA - Companhia Siderúrgica do Atlântico: Impactos e Irregularidades na Zona Oeste do Rio de Janeiro.** Revisão de Andréia Rauch. 3. Ed. Rio de Janeiro: PACS / Fundação Rosa Luxemburgo, 2012. Disponível em: <<http://www.pacs.org.br/files/2013/01/TKCSA.pdf>> Acesso em 16/03/2015;

KELLER, Paulo Fernandes. **Globalização e mudanças na cadeia têxtil brasileira.** São Luiz: Edufma, 2010;



LEE, Matilda. **Eco Chic - O guia de moda ética para a consumidora consciente**, Editora Larousse, 2011;

LIBBY, Douglas Cole. **Notas sobre a produção têxtil brasileira no final do século XVIII: Novas evidências em Minas Gerais**, 1997;

LIMA, G. F. da C. **Os antecedentes da Educação Ambiental**. In _____, Educação Ambiental no Brasil – formação, identidades e desafios. Campinas, SP: Papirus, 2011, p. 25-40.

MACHADO, Poliana Gomes Silvera; LEONEL, Jordan Nassif. **Sustentabilidade e gestão ambiental: lições aprendidas a partir do estudo de caso de empresa do setor têxtil e de confecção**, 2013;

MAZZOTTI, Karla. **A criatividade e o *design thinking* na indústria da moda**, 10º colóquio de moda – 7ª Edição Internacional /1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda, 2014;

MEHLER, Jéssica Roso. **Desafios da Indústria Têxtil e as Demandas de Sustentabilidade**. Revista Diálogos Interdisciplinares, vol. II, 2013;

REFOSCO, Ereany; MAZZAROTTI, Karla; SOTORIVA, Márcia ; BROEGA, Ana Cristina. **O novo consumidor de moda e a Sustentabilidade**, 2011.

SCOTTO, Gabriela; CARVALHO, Isabel C. de M. e GUIMARÃES, Leandro B. **Desenvolvimento Sustentável**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2007;

SILVA, G. L. **Redução de corante em efluente de processo de tingimento de lavanderias industriais por adsorção em argila**. Tese de Doutorado da Faculdade de Engenharia Química, Unicamp, Campinas, 2005;

SOUZA, Paulo André Ferreira. **Estética da Salvação X Estética da Perdição – Um Estudo Sobre Sustentabilidade na Indústria da Moda**. Revista E-tec, Belo Horizonte, v.1, n.1, 2008

URBAN, Maria Lúcia de Paula; BENSEN, Gracia Maria Viecelli; GONÇALVES, José Sindnei; SOUZA, Sueli Alves Moreira. **Desenvolvimento da produção de têxteis de algodão no Brasil**, 1995;

WILKINSON, John; PESSANHA, Lavínia; CASTRO, Bianca S.; MORENO, Camila. **A Monsanto e os transgênicos: reflexos para a agricultura familiar**. Relatório de Pesquisa apresentado para Action Aid, Rio de Janeiro, 2005.

